

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

JOSEFA MOREIRA GONÇALVES

**CONTOS DE TRADIÇÃO ORAL: PERSPECTIVAS SOBRE NARRAR HISTÓRIAS  
DO LUGAR EM UMA DAS ESCOLAS DE IPAUMIRIM/CE**

Cajazeiras - PB  
2022

JOSEFA MOREIRA GONÇALVES

**CONTOS DE TRADIÇÃO ORAL: PERSPECTIVAS SOBRE NARRAR HISTÓRIAS  
DO LUGAR EM UMA DAS ESCOLAS DE IPAUMIRIM/CE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Viviane Guidotti Machado

G635c Gonçalves, Josefa Moreira.  
Contos de tradição rural: perspectiva sobre narrar histórias do lugar em  
uma das escolas de Ipaumirim- CE / Josefa Moreira Gonçalves. -  
Cajazeiras, 2022.  
52f. :il  
Bibliografia.

Orientador: Profa. Dra. Viviane Guidotti Machado.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2022.

1. Anos iniciais. 2. Tradição oral - contos. 3. Ensino fundamental. 4.  
Contos populares. 5. Escola pública. I. Machado,, Viviane Guidotti. II.  
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de  
Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS CDU – 373.2

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

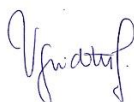
JOSEFA MOREIRA GONÇALVES

**CONTOS DE TRADIÇÃO ORAL: PERSPECTIVAS SOBRE NARRAR HISTÓRIAS  
DO LUGAR EM UMA DAS ESCOLAS DE IPAUMIRIM/CE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 01/09/2022.

**Banca Examinadora**



---

Professora Dra. Viviane Guidotti Machado – Orientadora UFCG/CFP/UAE



---

Professora Ma. Rozilene Lopes de Souza – Examinadora Titular UFCG/CFP/UAE



---

Professora Dra. Nozângela Maria Rolim Dantas – Examinadora Titular UFCG/CFP/UAE

---

Professora Dra. Aparecida Carneiro Pires – Examinadora Suplente UFCG/CFP/UAE

Dedico à minha família, aos meus professores e amigos por nutrirem o trabalho com apoio, afeto e esperança.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que é minha força, por me fazer entender que a vida é feita de luta, mas se munida de fé, coragem e trabalho eu posso dançar com sonhos transformando-os em realidade.

À minha mãe, que dizia não sonhar junto comigo esse sonho, mas sempre foi capaz de mover céus e terras para que eu pudesse realizá-lo.

Aos meus irmãos que saíram do sertão pra arriscar a vida a fora, mas tardaram o tempo pra que eu não fizesse isso tão cedo, me apoiando e me fazendo enxergar que o estudo é o primeiro rumo.

Ao querido Ronaldo Ribeiro, por ter segurado minha mão nos momentos de angústia e confiando no meu trabalho me incentivou a não esmorecer e continuar.

À querida Aparecida Alves, que partilhando desse processo comigo me trouxe leveza e esperança.

Às amigas Beatriz e Daniele, pela amizade sincera e palavras de fé.

Aos meus colegas pelas pontes e harmonia que criamos juntos durante este tempo.

À professora Kássia Motta, que é brilhante e trouxe a contação de histórias na pessoa de uma narradora oral inesquecível para dentro de nossa sala de aula.

À Bete Pacheco, que é essa narradora de histórias inesquecível e generosa a que nos apresentou a história eterna da “pereira de tia Miséria” que ecoa sempre na minha memória.

Aos meus professores pela partilha dos conhecimentos, transposição da teoria e condução da prática, que muito contribuíram para o meu enriquecimento pessoal e profissional.

Em especial agradeço a minha orientadora, professora Viviane Guidotti, que aceitou me orientar e fez isso com muita paciência, sabedoria e dedicação, delineando seu potencial e a essência de sua formação.

Às professoras Aparecida Pires, Nozangela Dantas e Rozilene Lopes que aceitaram fazer parte da banca Examinadora fortalecendo o processo de trabalho e proporcionando uma valiosa colaboração para o seu progresso.

A todos os convidados que aceitaram ser entrevistados e gentilmente me receberam em suas casas ou frente a uma tela de *Google Meet* tornando-o esse trabalho possível.

## RESUMO

O conto de tradição oral pode ser compreendido como um tipo de conto rico em cultura e possibilidades educativas. Percebe-se, no entanto, que ele ainda divide muitas opiniões, alguns acreditam na sua função educativa e na necessidade de ser trabalhado, enquanto outros não dão muito crédito fazendo com que ele seja celebrado apenas em ocasiões específicas. Pensando nisso, este trabalho foi norteado pela seguinte questão de pesquisa: Qual a função educativa dos contos de tradição oral? Tomamos como objetivo geral: Compreender a função educativa de trabalhar os contos de tradição oral com turmas de Anos iniciais de uma das escolas de Ipaumirim/CE. Quanto aos objetivos específicos, temos: Investigar a presença ou ausência dos contos populares em turmas de anos iniciais do ensino fundamental; Investigar de que forma os contos populares podem contribuir no processo educativo escolar de turmas dos anos iniciais; Refletir sobre a finalidade educativa dos contos orais e maneiras de serem trabalhados pelos professores; Analisar a função educativa dos contos populares e seu impacto na formação de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Busatto (2012-2013), Benjamin (1987), Matos (2014), Sisto (2021), Tierno (2010) Velasco (2018) são alguns dos autores que embasam as ideias da fundamentação teórica. A pesquisa possui natureza básica, pautada em uma abordagem qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Para a sua coleta de dados foram elaborados roteiros de perguntas no *Word* para três grupos de entrevistados: professoras que atuam em turmas de anos iniciais do ensino fundamental, profissionais narradores de histórias e contadores tradicionais. As respostas foram obtidas por meio de entrevistas presenciais, online via *Google Meet* e *Whatsapp*. A partir das análises conseguimos compreender que o conto de tradição oral tem sua importância reconhecida, mas em contrapartida ainda é pouco explorado.

**Palavras-chave:** Anos iniciais do Ensino Fundamental; Contos de Tradição Oral; Escola Pública.

## ABSTRACT

The oral tradition tale can be understood as a type of tale rich in culture and educational possibilities. It can be seen, however, that it still divides many opinions, some believe in its educational function and in the need to be worked on, while others do not give it much credit, making it celebrated only on specific occasions. With that in mind, this work was guided by the following research question: What is the educational function of tales of oral tradition? We take as a general objective: To understand the educational function of working the tales of oral tradition with groups of Early Years of one of the schools of Ipaumirim/CE. As for the specific objectives, we have: Investigate the presence or absence of folk tales in classes in the early years of elementary school; Investigate how folk tales can contribute to the school educational process of classes in the early years; Reflect on the educational purpose of oral stories and ways of being worked on by teachers; To analyze the educational function of folk tales and their impact on the formation of students in the early years of elementary school. Busatto (2012-2013), Benjamin (1987), Matos (2014), Sisto (2021), Tierno (2010) Velasco (2018) are some of the authors that support the ideas of the theoretical foundation. The research has a basic nature, based on a qualitative approach (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). For data collection, scripts of questions were prepared in Word for three groups of respondents: teachers who work in classes in the early years of elementary school, professional storytellers and traditional storytellers. The answers were obtained through face-to-face interviews, online via Google Meet and Whatsapp. From the analyzes we can understand that the oral tradition tale has its importance recognized, but on the other hand it is still little explored.

**Keywords:** Early Years of Elementary School; Tales of Oral Tradition; Public School.



## **LISTA DE SIGLAS**

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1 Memorial acadêmico: caminho da pesquisadora ao objeto de estudo .....	1
1.2 Pesquisa .....	3
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	6
2.1 Breve contexto da prática de narrar histórias e sua ancestralidade .....	6
2.2 A contação de histórias refletida em três períodos da história: oral, escrito e contemporâneo.....	7
2.3 O narrador de histórias: percurso de análise histórica .....	9
2.4 Apontamentos sobre contos de tradição oral e prática educativa .....	12
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	14
3.1 Caracterização da Pesquisa.....	14
3.3 Características dos Sujeitos participantes da Pesquisa .....	16
3.4 Instrumentos de Pesquisa .....	17
3.4 Processamento e análise dos dados coletados .....	18
3.4 Procedimentos Éticos .....	18
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	19
4.1 A contextualização da Coleta de Dados .....	19
4.2 Os Dados analisados .....	21
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	35
<b>REFERENCIAS</b> .....	37
<b>APENDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	39
<b>APENDICE B – ROTEIROS DE ENTREVISTA</b> .....	41

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Memorial acadêmico: caminho da pesquisadora ao objeto de estudo

Meu nome é Josefa Moreira Gonçalves, mas muitas pessoas me conhecem pelo apelido de "Cíntia" e posso dizer que essa história é longa e tem forte ligação com as crenças e mitos que acompanham o meu povo e suas gerações. Aqui, esta parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), me atrevo a contar minha história, narrando meus caminhos até chegar ao objeto de estudo desta pesquisa.

E tudo começa ... no fim do século XX, na noite de sexta-feira, 18 de fevereiro de 2000 o dia em que nasci. Acontece que durante o meu trabalho de parto, perceberam que eu tinha o cordão umbilical laçado em meu pescoço. A medicina trata esse episódio como algo bastante comum. Minha mãe e seus antepassados; não.

Isso porque meu povo há muito acredita, e alguns continuam acreditando, que a criança que nasce com o cordão umbilical enrolado em seu pescoço deve receber o nome de José ou Josefa, como forma de cortar uma possível sina de essa criança morrer em alguma circunstância da vida seja em razão de sufocamento por afogamento ou enforcamento. Enfim...

Por causa dessa crença, recebi o nome de Josefa na minha certidão de nascimento. No entanto, faço parte de uma família de 6 irmãos, cada um com o nome de um santo católico, mas com um apelido. Começo com a mais velha que é Francisca, mas chamamos de "Neta", o José que é "Zé", o Raimundo que é "Alan", a Cícera que é "Cira", o Cicero que é "Neném" e eu sou Josefa mas, também sou "Cintia". Também não esqueço de mencionar uma mulher chamada Maria, que meus irmãos e eu chamamos de mãe, mas que também é apelidada de "Mariquinha".

Contada essa história do meu nome, falo agora do lugar onde nasci e me criei. Nasci na cidade de Ipaumirim, em um vilarejo chamado "Felizardo, onde moro até hoje com minha mãe e um dos meus irmãos, Neném. Adianto também que foi nesse mesmo lugar onde iniciei os meus estudos.

Sempre fui aluna da rede pública de ensino e aos 3 (três) anos frequentei o Centro de Educação Infantil Tio Chico, que foi minha porta de entrada para o caminho da educação formal. Essa "Creche" funcionava em uma casa alugada pela prefeitura municipal e tinha uma estrutura precária na época. Estudei lá até os meus 6 anos e tenho a lembrança de que a creche não tinha brinquedos nem livros para socializar com as crianças.

No entanto, havia muitas histórias infantis sendo contadas naquele lugar. Histórias de boca a ouvido que me encantavam muito. Me lembro de quando sentava em uma roda para ouvir minhas professoras contando histórias ou então cantando as cantigas de roda, sempre embaladas pela música da “batatinha frita, frita com manteiga...”, ou então da “borboletinha” e tantas outras.

Tudo isso me levou a entender que a creche que eu frequentava era uma casa que lembrava muito a que eu e minha família moramos. Minha casa não tinha livros e lá também não, mas tinha histórias orais e isso bastava pra mim porque era do que eu mais gostava e ainda hoje gosto. Ouvir histórias contadas fosse pela minha mãe ou minhas professoras. Hoje entendo o fato da história oral ser mais acessível do que a impressa como um dos pontos de sua importância.

Depois do memorável período na educação infantil, fui para a escola primária, dos 6 aos 13 anos. Foi na Escola de Ensino Fundamental Vicente Felizardo Vieira, onde tive acesso aos meus primeiros livros de leitura. Livros didáticos que poderiam ser levados para casa, o que eu achava um máximo. Naquela idade eu gostava de todos, mas Português e Ciências foram os meus preferidos. O de português porque tinha várias histórias, incluindo a história da “Menina bonita do laço de fita”, a primeira que li, o de Ciências porque tinha muitas ilustrações, figuras de animais e da natureza.

Assim, terminei o ensino fundamental e fui estudar no ensino médio, então comecei a estudar em Ipaumirim - sede do município - na Escola de Ensino Médio Dom Francisco de Assis Pires também conhecida como o "estadual" passando a utilizar ônibus escolar.

Nesse período, prestei o ENEM duas vezes, a primeira foi no segundo ano em 2015 e no terceiro ano em 2016. Como fui a primeira da minha família a cursar o ensino superior, admito que não tinha muitas expectativas de continuar os estudos depois do ensino médio, mas com ótimos professores foi possível.

Aos 17 anos, ingressei no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande no campus de Cajazeiras-PB. A primeira vez que conheci uma universidade pública, agora é minha segunda casa, onde às vezes passo o dia todo. Sem dúvida, a vaga no curso de pedagogia foi e continua sendo a conquista mais importante da minha vida.

Durante o curso estive envolvida em projetos de ensino e extensão que me proporcionaram uma rica experiência de prática profissional, bem como muita ajuda em aspectos pessoais. A universidade me permitiu ver horizontes que nunca pensei serem possíveis, me deu mais liberdade para pensar e me tornou mais eu mesma. Tanto que entrei com os cabelos

lisos e escondi os cachos, mas hoje os deixo voar livremente, e os debates frequentes da UFCG sobre questões sociais me ajudaram muito nesse aspecto.

Por fim, acredito que o acesso que tive as histórias orais, contadas em casa, na rua e na escola foram fundamentais na construção do meu conhecimento intelectual e cultural. Mas até hoje me inquieta que as histórias que ouvi na escola durante esse período fossem apenas literatura escrita. Porque acredito na riqueza do conhecimento popular e ele deve ser compartilhado em sala de aula para que, como alunos, possamos aprender mais sobre nossa cultura e as pessoas que a compõem e essa é a razão pela qual esse trabalho se move.

## 1.2 Pesquisa

Esta pesquisa tem como foco o tema “contos de tradição oral”, que também se alterna com “contos populares” no texto. Entendemos esse tipo de conto como Câmara Cascudo (2014) os que são velhos e cultivados na memória do povo, partem do conhecimento popular, não possuem autoria definida e podem ser considerados atemporais a partir de sua divulgação feita de geração para geração.

Entendendo a função educativa desse tipo de conto e sua integração ao trabalho docente desenvolvido em uma escola da rede pública, partimos para estabelecer o seguinte problema de pesquisa: Os contos de tradição oral estão ausentes ou presentes nas turmas de anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública do município de Ipaumirim-CE?

Para tanto, temos como o objetivo geral: Compreender a função educativa de trabalhar os contos de tradição oral com turmas de Anos iniciais de uma das escolas de Ipaumirim/CE. Com relação aos objetivos específicos temos:

- Investigar a presença ou ausência dos contos populares em turmas de anos iniciais do ensino fundamental;
- Investigar de que forma os contos populares podem contribuir no processo educativo escolar dos anos iniciais;
- Refletir sobre a finalidade educativa dos contos orais e maneiras de serem trabalhados pelos professores;
- Analisar a função educativa dos contos populares e seu impacto na formação de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.

Observamos que os contos de tradição oral possuem sua difusão em massa em função de uma democratização que permite com naturalidade seu acesso por todas as camadas sociais, justamente, “[...] por não conhecerem fronteiras geográficas, culturais ou linguísticas que os barrem” (CASMURRO, 1986, *apud* MATOS, 2014, p. XVII).

No entanto, existem diferentes percepções a seu respeito. Isso porque é nítida a sua pouca utilização em ambientes formais que vão além do cotidiano, especialmente nas escolas. Portanto, encontrar respostas para as questões acima é um dos principais fios da tecelagem deste trabalho.

Dessa forma, a justificativa para este trabalho se concentra na realização de um estudo para demonstrar se esses contos estão incluídos no processo de ensino e por que isso acontece. A escolha do tema mostra-se relevante pelo fato de o “conto popular” ainda ser um tema pouco explorado nas pesquisas, sobretudo na educação, onde ainda não há grande quantidade de pesquisas sobre ele. Percebe-se que mesmo com sua enorme riqueza cultural, o conto popular segue sendo pouco explorado em contextos formais da atual sociedade contemporânea, o que também é refletido na sala de aula.

Sendo assim, ficamos instigados a buscar as razões pelas quais isso acontece e como esses contos são entendidos dentro e fora da sala de aula. A realização desta pesquisa é, portanto, relevante por ser inovadora e suscitar uma discussão importante sobre a introdução de contos populares em que a memória cultural de um ou mais povos é preservada em sala de aula. Deprendemos que sua construção corresponde em um material novo confluindo para aporte de novas descobertas a respeito do tema.

O estudo está dividido em cinco capítulos, sendo o primeiro capítulo uma **Introdução**, que apresenta o tema, a questão que norteia o trabalho, objetivo geral e específicos, justificativa e relevância. Por fim, mostra a organização de cada capítulo do trabalho.

O capítulo 2, **Referencial Teórico**, é baseado em trabalhos de autores como: Benjamin (1987), Busatto (2012-2013), Matos (2012), Prieto (2011), Sisto (2021), Tierno (2010), Velasco (2003) que são alguns dos estudiosos que embasam as ideias desta pesquisa. A base teórica deste estudo está dividida em três partes. Na primeira, exploramos a natureza da prática de narrar histórias, contextualizando brevemente sobre o seu início. A seguir, discutimos a contação de histórias refletida nos períodos da oralidade e escrita. Depois, o papel do contador de histórias e o uso de sua palavra. No quarto tema, refletimos sobre o papel educativo da contação oral de histórias no processo educativo.

O Capítulo 3, **Metodologia**, apresenta as características da pesquisa, destaca sua natureza, o lócus, sujeitos participantes, os métodos e procedimentos éticos adotados para a sua

realização. Nesta secção, também constam as informações sobre a escolha do seu instrumento de coleta de dados, quantidade de questões presentes no seu roteiro de perguntas além de informações da sua aplicação.

O capítulo 4, *Análise de dados*, traz os comentários tecidos por professoras, narradores profissionais e contadores de histórias durante as aplicações dos questionários ou realização das entrevistas. Neste capítulo, temos a discussão das respostas unida ao aporte teórico de autores supracitados.

E no quinto capítulo, *Considerações Finais* versa sobre todas as discussões percorridas no trabalho, tecendo um comentário final baseado no que foi construído. Por fim, nos *Apêndices*, constam os roteiros de perguntas que foram utilizadas durante a coleta de dados da pesquisa para a obtenção de respostas.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

“[...] a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.” **Manoel de Barros**

### 2.1 Breve contexto da prática de narrar histórias e sua ancestralidade

A arte de contar histórias é uma atividade milenar que, como diz um velho ditado popular, existe “desde que o mundo é mundo”. Acredita-se que a razão para isso esteja nas suas raízes com a oralidade. Pois seu início começou junto ao desenvolvimento da oralidade fazendo com que essa prática tornasse parte dela (MATIAS, 2010).

Contar histórias é uma prática humana responsável por difundir as histórias da tradição oral ao longo do tempo e quando em uma comunicação estabelecida, a narrativa desempenha um papel importante na continuação de uma conversa que ocorre oralmente. Justamente, por essa razão, é que a contação de histórias foi ganhando terreno e se naturalizando com as conversas cotidianas e de outrora. Mas como será que essa prática começou?

Em sua pesquisa, Farias (2011, p. 19) conta que “Tudo começou em uma caverna, quando os primeiros caçadores e coletores se reuniram em volta das chamas da fogueira para contar histórias uns aos outros sobre suas aventuras na luta pela sobrevivência [...]”, esta ação tornou-se habitual e com isso se fez em tradição.

Assim, o que foi iniciado pelos povos primitivos, perdura ao longo da história e em diferentes culturas, permitindo que a história de cada povo seja transmitida às gerações futuras, a começar pelo seio familiar de cada um. Isso porque “o ser humano é não apenas um ser que conta histórias e ouve histórias, mas sobretudo é um ser que faz história.” (SANT’ANNA, 2011, p. 14).

Sendo assim, a história é intrínseca ao ser humano que possui sua história de vida podendo ser entrelaçada com a do outro na medida que as relações sociais e de afeto vão sendo construídas. Nessas vivências, episódios diários vão sendo criados e sem repetições, mas continuidade.

Portanto, muitas histórias são vividas. Então cabe ao referencial interno de cada um selecionar as histórias a serem ecoadas duradouramente na memória e compartilhada com os outros. Pode existir também histórias nunca compartilhadas, mas o fato é que a vida em si é repleta de histórias e o ser humano é dotado delas.



## 2.2 A contação de histórias refletida em três períodos da história: oral, escrito e contemporâneo

Segundo Celso Sisto (2021, p. 1), podemos dizer que “Nunca uma linguagem artística proliferou tanto em tão pouco tempo!” como a contação de histórias. Isso porque a ideia de que contar histórias é algo que qualquer um e todos podem realizar é algo muito presente na nossa construção social e não cabe negação ou contrariedade, mas discussão. Afinal, o que é ser contador de histórias? E também, o que ser um contador contemporâneo?

Para discutir o que significa ser contador de histórias e como eles se comportam na contemporaneidade, segundo Matos (2014, p. 88), precisamos analisar três períodos da história: oral, escrito e contemporâneo os quais nos revelam seu comportamento nesses diferentes contextos. Cada um desses períodos possui um modelo de cultura, a começar no domínio da sociedade de tradição oral que é um modelo de sociedade que antecede todas as outras, pois:

Entender a cultura oral é buscar o entendimento da formação das culturas que a utilizavam anteriormente ao surgimento da escrita e àqueles povos que, mesmo com a escrita sistematizada, fazem uso da força da palavra para perpetuação de sua cultura, de sua ancestralidade (SANTOS, 2010, p. 112)

O período oral precede todos os outros e nos mostra que “antes do advento da escrita, ao redor de muitas fogueiras, povos primitivos passavam seus ensinamentos através de histórias. Essas histórias contavam sobre a criação de tudo, o nascimento do primeiro homem, costumes [...]” (SANTOS, 2010, p. 109).

Essa prática se edificou na intenção de transpor os conhecimentos entre os homens daquela época, sendo essencial para que houvesse a prevalência desses círculos onde se ensina mas também se aprende. E assim, as tradições foram se mantendo vivas, a partir do culto desses contos na relação desses rituais que aconteciam ao redor das fogueiras ou debaixo de uma árvore e demais ritos.

Pode-se compreender então que a narração dos contos nasceu com a oportunidade de poder dar continuidade aos costumes, ideias e atitudes de um ou mais povo. Fazer com que as gerações que vieram depois pudessem ter o conhecimento de sua origem e até mesmo para o além da sua vida, enquanto plano imaterial dependendo da crença. Ornando com esse pensamento Busatto (2012, p. 21) nos diz que:

Se partirmos do princípio que os contos surgiram de uma necessidade intrínseca do homem em explicar a sua origem e a origem das coisas, dotando de significados a sua existência, então podemos pensar que estas criações da imaginação humana coincidem com a primeira categoria conhecida do ser humano, o chamado *Homo sapiens*.

Nesse sentido, ainda com base em Busatto (2012, p. 22) conseguimos perceber a cultura oral como “[...] uma maneira encontrada para explicar a existência dos elementos da natureza e seus cataclismas, ou um conjunto de ensinamentos [...]”. Indo além da contação de histórias, a oralidade dedica-se à disseminação de conhecimentos gerais e culturais por meio de conceitos auditivo-verbais. Nas culturas orais de conceitos auditivos-verbais, o conhecimento passado de geração a geração visa manter viva e não esquecida a história de seu povo.

Para isso, deve haver um acordo entre as gerações. Um pacto de contar histórias ouvidas de ancestrais no presente. Porque, “[...] repetir muitas vezes o que foi arduamente aprendido ao longo do tempo é a única forma de conservar o conhecimento”. (MATOS, 2014, p. 88).

Nas sociedades tradicionais, a necessidade de recontar as histórias foi uma realidade, que começou com a necessidade de “guardar” essas histórias na memória cultural das pessoas. Isso porque a escrita não havia sido inventada naquela época, então todo o conhecimento foi preservado a partir das lembranças e partilha dessas histórias uns com os outros.

Essas experiências confluem a atitude ainda atual de contar uma história repetidamente, porque em muitos casos a assimilação demanda um processo de repetição quando se trata de ouvir e contar histórias, sendo que quanto mais se faz isso mais se consegue perceber detalhes que haviam passado despercebidos ou até mesmo adquirir nova compreensão sobre a história. De fato, propor com que se construa compreensões ao invés de oferecer pronta é uma das características principais do conto de tradição oral. Então dizemos: “Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo [...]” (BENJAMIN, 2020, p. 205).

Dito isso, vale discutir a questão de que o conto oral possui o caráter inventivo. Nele as imagens são frutos da imaginação humana, que vão sendo criadas a partir da escuta. Então um conto narrado para várias pessoas pode adquirir uma interpretação diferente por cada um. Os cenários se diferenciam, os personagens possuem feições particulares, tudo isso de acordo com os referenciais de cada pessoa que aplica o seu significado ao conto em aspectos visuais e sonoros. Sustentando essa ideia Garzón (2003, p. 2) enfatiza:

A oralidade é inventora e/ou reinventora: comunicacional, realizada no aqui e agora, não pode ser fixada de antemão; tem a ver com a memória, mas não com a memorização em si; com o imaginário e não com a construção física das imagens no espaço; é um apelo à imaginação de cada pessoa; rejeita a literalidade; exige um compromisso profundo de quem fala com aquilo que diz; está em movimento, transforma-se permanentemente, busca adequar-se, tornar-se mais real, inclui a realidade circundante

Portanto, a sua maior aliada trata-se, justamente, da imaginação que permite a apresentação do que se é narrado na sua tela interna, levando o indivíduo a criar uma imagem

mental do que ouve. Exercício importante na criação de novas ramificações com base no que a história revela. (SANTOS, 2010).

Isto posto, entramos em um novo período, o período da escrita. De acordo com Matos (2014), ficamos a saber que a sua dominância foi maior nos séculos XVIII e XIX, fazendo com que a cultura popular perdesse espaço e passasse a ser considerada negativa. Acontece que “quando nossas sociedades passaram da oralidade primária à escrita e da escrita à oralidade secundária (escrita e oralidade audiovisual), elas progrediram, mas a oralidade retrocedeu.” (GARZÓN, 2003, p. 1).

O período do Romantismo também influenciou esse processo, levando a ascensão do romance, que involuntariamente correspondeu ao desenvolvimento de uma visão antiquada da oralidade. E tudo porque a era da modernidade estava em pleno andamento, o que influenciou coisas novas para chamar mais atenção. Mas foi por causa da invenção da imprensa e da informação que a oralidade esteve mais ameaçada (BENJAMIN, 2020).

Ao contrário da linguagem falada, a escrita integra o campo da visão. O que faz com que ela não corra o mesmo risco da oralidade, de ter sua palavra carregada pelo vento se não persistir na memória do seu ouvinte ou então repetida e lembrada pelo seu contador como propõe Ong (*Apud* MATOS, 2014). Assim, a linguagem escrita se faz concreta, visível e tangível. “A escrita também difere da fala pelo fato de não brotar do inconsciente. O processo de registrar a linguagem falada é governado por regras conscientemente planejadas e inter-relacionadas” (MATOS, 2014, p. 159).

Sendo assim, a escrita pode ser percebida como uma organização e materialização do campo das ideias, algo mais elaborado a exemplo de diminuir a repetição de marcas da linguagem, e sobretudo um importante sistema da comunicação capaz de salvaguardar histórias antes pertencidas apenas ao campo da memória e oralidade.

Portanto, conseguimos perceber que oralidade e escrita podem ser importantes aliadas desse processo de reavivamento de histórias, fluindo para a construção de materiais concretos nascidos da oralidade, da memória cultural do povo e do seu lugar.

### 2.3 O narrador de histórias: percurso de análise histórica

Celso Sisto (2021) enfatiza que a maioria das pessoas não possui o hábito de se perguntar como o narrador de histórias possui tanto domínio de uma narrativa, conseguindo prender a

nossa atenção e conduzir a uma viagem pelo espaço-tempo da imaginação. Nisso, cabe a reflexão sobre como os narradores conseguem fazer isso, e muito mais, enquanto contam uma história.

Nesta investigação, podemos começar por olhar para a matéria-prima do contador de histórias. A “palavra” é a sua matéria-prima. Alternativamente, fazendo uso do termo utilizado por Ong (1998), podemos também chamá-la de “palavra viva”, entendendo que sua vida surge quando é pronunciada ou compartilhada com a memória de outros. Dentro do campo da sociedade de tradição oral, a palavra falada é o principal veículo da sua comunicação.

Ampliando o fundamento supracitado nos amparamos na concepção de Ong (1998 p. 20) citado por Matos (2005, p. 154) dizendo que “nas sociedades de tradição oral, a palavra apenas existia quando narrada; “quando uma história oral contada e recontada não está sendo narrada, tudo que dela subsiste é seu potencial de ser narrada para outros seres humanos”. Narrada por humanos para outros seres humanos. Aqui, entra o papel do contador de histórias, aquele que conforme Tierno (2010) pode ser definido como o:

[...] que *cultiva a atenção e delicadeza*, que percebe seu corpo no espaço e o corpo do outro suspendendo o *automatismo* da *ação*. Mantém sempre aberto os olhos e os ouvidos. O contador de histórias é aquele que fala sobre o que lhe acontece. Sabe que para cultivar a arte do encontro é preciso, além de calar muito e ter paciência, escutar aos outros (p. 22)

Diante disso, podemos compreender que sua narrativa requer diálogo sensorial. É falar, mas também ouvir. Tudo isso significa assimilação. Neste caso, a apropriação da história que está sendo narrada, pode levar a um aguçamento dos sentidos e ter assimilação refletida em gestos, o que chamamos de *performance* do narrador.

Essa atuação também pode ser entendida segundo Zumthor (1983, p. 32) como “A ação complexa por meio da qual uma mensagem poética é simultaneamente transmitida e percebida, aqui e agora. Locutor, destinatário, circunstâncias [...] se encontram concretamente confrontados” (apud MATOS, 2014, p. 56).

Desta forma, a presença de fusão sensorial é clara. A estreita relação entre a história, o ouvinte e o narrador. Esses elementos se misturam em uma harmonia de palavras e gestos que alinha a atuação do narrador com a mensagem que a história pretende transmitir. Mas como é que isto é feito? Esta curiosa pergunta também está cheia de muitas respostas. Bem, veja bem, existem diferentes tipos de contadores de histórias, e o efeito colateral mais óbvio é que cada um conta à sua maneira.

Aqui, no Brasil, costumamos chamar a pessoa narradora de narrador/a oral ou contador/a de histórias (MATOS, 2014). Mas esse personagem fundamental também já “[...] recebeu

nomes diferentes nos diferentes locais por onde passou: *rapsodo* para os gregos, *bardo* para os celtas, *griot* para os africanos [...]” (BUSATTO, 2012, p. 26). Essas nomenclaturas podem variar de acordo com a cultura.

A África é conhecida por preservar os contos populares, um país que valoriza seu conhecimento cultural lutando para que a tradição se mantenha viva e suas tradições possam ser preservadas e passadas para as gerações futuras. Tanto é que “na África, o papel dos Griots, mestre contadores de histórias é, por meio de sua peregrinação povoado por povoado, levar histórias ensinando aos que os ouvem e com isso fazendo-os aprenderem mais sobre suas culturas e tradições. (SANTOS, 2010, p. 112). Dessa forma, não sem razão que é um país muito procurado na aquisição de saberes orais e narrativas tradicionalistas.

Ainda sobre os *griots*, vale destacar a forma como eles veem as palavras como algo com poder “[...] que podem curar ou tornar doente segundo sua intenção em atenuar ou em avivar os conflitos através de suas palavras e seus cantos.” (MATOS, 2014, p. 93).

Agora, voltando-nos para o Brasil, destacamos a presença de seus narradores orais em sua forma tradicionalista e contemporânea. Na opinião de Busatto (2013), as diferenças entre os dois tipos de narradores são nítidas e percebidas na forma de como se posicionam diante na narrativa e do seu público, ainda que a essência permaneça a mesma.

A autora explica que “num primeiro momento, vamos encontrar o contador tradicional, aquele sujeito que estava inserido nas comunidades onde prevalecia uma oralidade primária ou mista (uso o tempo passado porque atualmente essas culturas quase não existem mais).” (BUSSATO, 2013, p. 18).

Em uma cultura primária ou mista conceituada por Ong (MATOS, 2014 p. 88), a cultura seria “[...] desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou impressão”, utilizando a linguagem falada como único meio de transmissão do conhecimento. Mas hoje, existem poucas culturas sem exposição ou uso de palavras.

Mesmo assim, com o avanço do tempo e da cultura, os contadores de histórias tradicionais continuam resistindo e contando histórias. “Esse contador tradicional faz parte de um grupo social que retém as informações por meio da oralidade, seja por ser analfabeto ou, quando vivendo numa comunidade letrada, por não se deixar influenciar pela escrita, apesar de ela estar presente no seu dia a dia. (BUSATTO, 2013, p. 19).

Uma das características desses contadores de histórias é que muitas vezes são os mais velhos da comunidade e da família já que “[...] o processo e o dinamismo da contação de história têm sua gênese no universo familiar e que se amplia proporcionalmente ao raio das nossas relações com outras experiências”. (RAMOS, 2010, p. 92).

Portanto, podemos sobre esses contadores tradicionalistas dizer que são contadores que possuem o hábito de contar histórias e são reconhecidos nessa atividade por sua comunidade, mas nem sempre se auto-intitulam como contadores de histórias. Alguns, por já manter esse hábito durante sua longa jornada, costumam considerar algo simples e distante da maestria, mesmo que percebamos o contrário.

Quanto aos contadores contemporâneos, esses são narradores que se dividem entre os tradicionalistas e “urbanos”. Os contadores urbanos são os que já se encaminharam para uma profissionalização, porque compreendem que fazem parte de uma sociedade modernizada e buscam novos meios para continuar atuando e ocupando espaços novos.

O narrador “urbano” difere do contador tradicionalista que tem bebido na fonte da oralidade e mantém suas raízes nela e na palavra falada. O urbano já é aquele que busca o estudo da performance em cena e preocupa-se em trazer para a escrita os contos encontrados na oralidade. (MATOS, 2012).

Além do que foi mencionado, esses narradores urbanos já ocupam diversos espaços e participam frequentemente de festivais ou fazem apresentações em espaços fechados ou abertos como as praças etc.

#### 2.4 Apontamentos sobre contos de tradição oral e prática educativa

O conto de tradição oral pode ser compreendido como um tipo de conto rico em possibilidades educativas. Percebe-se, no entanto, que ele ainda divide muitas opiniões. Alguns acreditam na sua função educativa e na necessidade de ser trabalhado, enquanto outros não dão muito crédito fazendo com que ele seja celebrado apenas em ocasiões específicas.

De acordo com Cléo Busatto (2012) o potencial educativo desses contos ainda é subestimado, por isso, mesmo que apareçam nas escolas, seu trabalho só acontece em determinada época do ano, no folclore, quando é trabalhado arduamente. É como se seu valor só operasse em determinado momento, após esse período o trabalho fica concentrado nos contos de literatura escrita.

Diante dessa valorização esporádica, geralmente em uma única data como o já mencionado período folclórico escolar, percebemos a necessidade de debater a importância dessas histórias aparecerem nas escolas de forma mais frequente.

Muitas vezes escutamos histórias nascidas em lugares e realidades muito distantes da nossa, e também consideramos importante conhecê-las, mas é importante focarmos em onde

pertencemos que lancemos os nossos olhares para o nosso lugar de pertencimento, onde nascemos e vivemos. Busatto (2012, p. 38) evidenciou essa importância, dizendo:

Ao trazermos para a sala de aula histórias de outros povos não estaremos apenas contribuindo para que a diversidade cultural se torne um fato, mas também apresentando à criança a oportunidade de conhecer aquele povo através do olhar poético que ele lança para a sua realidade. Perceber como ele se articula para produzir significados para a sua existência, qual o valor que ele atribui as manifestações sociais, como ele se percebe e percebe os outros indivíduos da sua comunidade.

Assim sendo, e entendendo que os elementos da nossa cultura são revelados nos contos narrados dentro de cada comunidade de seu território, salientamos a necessidade de promover o contato com essas narrativas, explorando suas capacidades educativas e fortalecendo os vínculos culturais. Tudo isso é importante para que também se possa construir o entendimento e valorização do seu repertório popular.

Desse modo, será possível favorecer uma melhor integração entre as pessoas, condicionando a uma melhor aproximação dos sujeitos, levando-os a compreender mais de sua construção enquanto território e união enquanto povo. Porque [...] esses contos possuem “fatores que vem ao encontro da busca pela sensação de pertencimento em meio as vivencias massificadoras ou isoladoras no cotidiano dos indivíduos”. (MATIAS, 2010, p. 81).

Dito isso, fica defendida a permanência dos contos de tradição oral nas escolas, ampliando seu trabalho por mais tempo em sala de aula, para que sua potencialidade seja explorada e conduzir a uma salvaguarda dos contos populares que forem sendo descobertos durante a sua partilha em sala de aula, fazendo com que estes possam ser escritos e identificados como importante material da cultural oral presente em sua localidade e encaminhado para uma maior divulgação.

### 3 METODOLOGIA

Neste tópico serão apresentadas as características da pesquisa, identificando sua natureza determinada em termos de seu objeto, abordagem, sujeitos, métodos e procedimentos para torná-la um produto científico e demonstrar sua intenção com o objeto da pesquisa. Por fim, alguns documentos estão dispostos nos apêndices e complementados com a descrição dos materiais, nos quais se referem à seleção de técnicas aplicadas neste trabalho.

#### 3.1 Caracterização da Pesquisa

A pesquisa se desenvolve na temática dos contos populares na intenção de perceber o olhar contemporâneo para o assunto. Percebendo que este ainda é um tema pouco explorado na esfera da educação, optamos pelo campo de estudos dos Anos iniciais do ensino fundamental, por ser a etapa mais importante de aprendizagem na educação básica após a educação infantil. A propósito de focar em uma produção de conhecimento sem aplicação imediata, constatamos que esse estudo apresenta natureza básica, pois “Objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51).

Por consequência da escolha do tema de estudo na colônia dos contos populares e considerando a aproximação dele com o ambiente de aplicação, a abordagem da pesquisa se mostrou qualitativa e julgou-se mais adequada. A pesquisa qualitativa “Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Assim, foram criados os objetivos da pesquisa a ser explorada. Para derivar respostas do que se pretende alcançar com os objetivos é necessário definir um método de pesquisa. O método é que trilha a caminhada do pesquisador rumo ao seu tema, como parte fundamental de todo processo científico, de modo que “[...] o método científico é um conjunto de procedimentos adotados com o propósito de atingir o conhecimento. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 24).

Portanto, o método de indução foi definido neste estudo. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 86) “O objetivo dos argumentos indutivos é levar conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que as premissas das quais se basearam”. O estudo parte de uma realidade individual na tentativa de uma explicação geral.



Ainda com base em Marconi e Lakatos (2003, p. 87) a indução possui etapas que devem ser seguidas na pesquisa. Em suma, devemos começar com a causa entendendo seu fenômeno e depois compará-lo com a situação geral afim de levantar hipótese que nos levam as explicações.

Em relação ao tipo de pesquisa, sentimos que o estudo feito é adequado para um estudo de campo, pois sabíamos que era o tipo de estudo relevante para nossos instrumentos de coleta de dados.

As fases da pesquisa de campo requerem, em primeiro lugar, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão. Ela servirá, como primeiro passo, para se saber em que estado se encontra atualmente o problema, que trabalhos já foram realizados a respeito e quais são as opiniões reinantes sobre o assunto. Como segundo passo, permitirá que se estabeleça um modelo teórico inicial de referência, da mesma forma eu auxiliará na determinação das variáveis e elaboração do plano geral da pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 186).

Certamente enxergamos a pesquisa de campo como aquela que aproxima os pesquisadores de seus sujeitos, primeiramente contribuindo com levantamentos bibliográficos para indagar conhecimentos sobre o assunto, ao mesmo tempo que faz conexões do pesquisador com o lugar e os sujeitos de sua pesquisa, ações que contribuem para geração de dados a serem analisados depois.

### 3.2 O *locus* da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em Felizardo, um distrito antigamente conhecido como "Olho d'Água do Melão" por causa de seu imenso açude, visto pelos moradores como o cartão postal do lugar. O local de estudo faz parte de um dos distritos de Ipaumirim, município fundado no ano de 1951 e localizado no interior do estado do Ceará e nordeste do Brasil. De acordo com o último Censo (2010) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o distrito felizardo tem cerca de 2.500 habitantes dentro de suas fronteiras, ou cerca de 20% da população da cidade de mais de 12.000 habitantes.

Com relação à educação na cidade, ainda com base nos dados do IBGE, nota-se que a cidade tem um alto nível de escolaridade, com mais de 90% dos alunos de idade entre 6 a 14 anos frequentando o ensino fundamental em suas escolas. Mas com relação a educação superior, a cidade ainda não possui polos universitários federais.

Imagem 1: Vista da entrada do distrito Felizardo em Ipaumirim/CE



Fonte: Fernando Cavalcante, 2019.

### 3.3 Características dos Sujeitos participantes da Pesquisa

Os sujeitos participantes foram divididos em três grupos constituídos por Narradores de histórias profissionais, Educadores e Contadores Tradicionais do Ceará, mas que moram em cidades diferentes. Os educadores e contadores tradicionais são da cidade de Ipaumirim, enquanto os narradores profissionais moram em Crato. Devido à falta de informação sobre a existência de Ipaumirinos formados e atuantes no ramo de contação de histórias, resolvemos convidar profissionais de outra cidade, também considerando que são grandes nomes da narração oral carirense.

Para proteger a identidade dos entrevistados, cada grupo de participantes recebeu um nome diferente. Chamamos de Narrador “1” e Narrador “2”, os 2 (dois) narradores profissionais entrevistados. Denominamos “Contador 1, Contador 2, Contador 3, Contadora 4, Contadora 5 e Contadora 6” para cada um dos 6 (seis) contadores tradicionais e as Educadoras receberam as identificações de **X**, **Y** e **Z**.

A **Narradora 1** tem 44 anos, formou-se em Pedagogia na URCA e contação de histórias na Escola de Narradores online do Brasil e Portugal, atua há 22 anos em sala de aula e como contadora de histórias há 18 anos.

O **Narrador 2** tem 46 anos, formou-se em Teatro e Letras (língua portuguesa) na URCA e contação de histórias na Sociedade de Cultura Artística do Crato (SCAC), atua há 20 anos em sala de aula e como contador de histórias há 11 anos.

O **Contador A** possui idade de 72 anos, declara não ser alfabetizado, trabalhou boa parte de sua vida como agricultor, mas hoje em dia está aposentado. O **Contador B** possui idade de 49 anos, declara ter estudado até a 5ª série e exerce a função de motorista. O **Contador C**, possui idade de 58 anos, declara ter estudado até a 4ª série e trabalha nos ofícios de pedreiro e carpinteiro.

A **Contadora D** possui idade de 56 anos, estudou até a 5ª série e disse que trabalhou como empregada doméstica durante a maior parte de sua vida, mas agora está aposentada. A **Contadora E**, possui idade de 73 anos, declara não ser alfabetizada, trabalhou boa parte de sua vida no cargo de Auxiliar de Serviços Gerais, mas hoje está aposentada. A **Contadora F**, possui 60 anos, declara ter estudado até a 5ª série, trabalhou como agricultora e doméstica, mas hoje em dia está aposentada.

A professora “**X**” possui idade de 44 anos, formação em Pedagogia, leciona há 8 anos e atua com uma turma de 2º ano. A professora “**Y**” possui idade de 56 anos, magistério em Pedagogia, leciona há mais de 20 anos e atua com turmas de 1º e 4º ano. A professora “**Z**” possui idade de 54 anos, leciona há 29 anos e atua com uma turma de 4º ano.

### 3.4 Instrumentos de Pesquisa

Para a coleta de dados, foram escolhidas técnicas primárias, como entrevista. Três tipos de roteiros de perguntas foram criados com a intenção de estruturar modelos a serem seguidos durante as entrevistas.

É importante destacar que “A entrevista é uma técnica que utiliza perguntas ao entrevistado como forma de aquisição de informações específicas. Na entrevista se faz a coleta de dados, diagnóstico e orientação”. (SOARES, ET AL. 2018, p.42). O instrumento supracitado foi utilizado na pesquisa tanto em formato presencial quanto online com os entrevistados. Nas ocasiões, foram solicitados os consentimentos dos entrevistados para que as entrevistas fossem gravadas e feitas análises subsequentes.

Relativo a entrevista e à sua aplicação: diferente dos narradores profissionais e tradicionais, 2 (duas) das 3 (três) professoras entrevistadas optaram por responder as questões via *WhatsApp* ao invés de participar da entrevista gravada, essa decisão foi respeitada e mantida ao longo do estudo.

### 3.4 Processamento e análise dos dados coletados

Com relação aos procedimentos de coleta de dados, as entrevistas foram realizadas de forma híbrida. No formato presencial em ambiente propício a sua realização, mediante disponibilidade do entrevistado. De modo online aconteceu via *Google Meet* e *WhatsApp*. Tudo isso, levando em consideração critérios de distância e acesso à internet entre pesquisadora e cidades dos entrevistados. Nas oportunidades, o espaço e tempo de respostas foi respeitado, sem interrupções a organização de suas falas.

### 3.4 Procedimentos Éticos

Todos os procedimentos da pesquisa estão pautados nas indicações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que baliza os extremos que não devem ser ultrapassados na pesquisa e as questões pessoais que devem ser respeitadas durante e após a aplicação de pesquisas envolvendo seres humanos.

Nesse sentido, a pesquisa foi realizada respeitando as diretrizes da CONEP, zelando pela segurança e confidencialidade dos dados dos participantes. Entende-se também que os colaboradores entrevistados prestaram contribuições voluntariamente, não podendo ser obrigados de forma alguma, podendo inclusive desistir a qualquer momento.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo tem por intuito apresentar a contextualização da coleta de dados e seus resultados e discussões. Sua construção ocorre com a contribuição de três grupos de entrevistados, divididos entre professoras, contadores populares e narradores profissionais. Sustentando a discussão temos o embasamento em obras de Bussato (2012-2013) Matos (2014) Prieto et al. (2011). Por método analítico temos a análise de conteúdo sugerida por Baudin (2016) como a busca pelo entendimento das respostas, de uma maneira sistematizada, a fim de conseguir construir fundamentação e resultados.

### 4.1 A contextualização da Coleta de Dados

A pesquisa contou com o apoio de 3 (três) grupos de pessoas que responderam a perguntas por meio de entrevista ou questionário que serviram de base para a coleta de dados e posterior análise. Assim, foram elaborados 3 (três) roteiros de entrevista semiestruturada para a coleta das repostas.

Os roteiros de perguntas foram elaborados com a mesma finalidade, ser um meio de obter respostas para o questionamento de os contos estarem ou não presentes em sala de aula e estudar os contos de tradição oral na perspectiva dos docentes e contadores de histórias.

O primeiro roteiro destinou-se as professoras contendo 9 (nove) perguntas, o segundo com 8 (oito) perguntas foi direcionado aos contadores tradicionais e o terceiro aos narradores profissionais com um total de 10 (dez) perguntas.

A intenção seria realizar entrevistas online por meio do *Google Meet* ou presencial com todos os participantes e isso foi feito com a maioria dos convidados. Exceto, com 2 (duas) das 3 (três) professoras que preferiram responder a entrevista por mensagem via *WhatsApp*.

Para que a sua aplicação fosse efetiva, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi impresso e entregue ou enviado via *e-mail* para que os convidados pudessem ler as informações e entender o que o documento estava orientando e, caso concordassem, assinariam. Com a assinatura dos termos, passamos a definir as datas, horários e lugares onde as entrevistas iriam acontecer com os participantes de cada grupo.

O primeiro grupo é composto por 3 (três) professoras que trabalham no turno da manhã com turmas de 2º, 3º e 4º ano em uma mesma escola da rede pública de ensino.

A escola é de propriedade municipal, localizada na zona rural do município de Ipaumirim-interior do Ceará-, possui 7 (sete) salas de aula, 2 (dois) banheiros (masculino e feminino), 1 (um) pátio, 1 (uma) biblioteca, 1 (uma) sala dos professores, 1 (uma) sala de informática, 1 (uma) diretoria, 1 (uma) cozinha, e oferece ensino na modalidade de educação para o 1º ao 9º ano e Educação de Jovens e Adultos (EJA), atendendo cerca de 200 alunos em seus três turnos de funcionamento.

Pertencentes ao segundo grupo, os contadores tradicionais são pessoas mais velhas do distrito felizardo, que são vistos na comunidade como contadores de histórias. Esse grupo é composto por 6 (seis) pessoas, sendo 3 (três) homens e 3 (três) mulheres. Eles foram escolhidos porque já têm fama de contar boas histórias atribuída pelo povo do lugar. Os contadores entrevistados são indivíduos acima de 40 (quarenta anos) que trabalham/trabalharam como motorista ou na agricultura, marcenaria, serviços domésticos ou de pedreiro antes da aposentadoria.

O terceiro grupo é formado por educadores que possuem formação como contadores de histórias e atuam nessa área. O distrito felizardo (locus da pesquisa) até o momento não possui pessoas profissionais e atuantes da contação de histórias, em razão disso 2 (dois) narradores de histórias orais de Crato-CE foram convidados a contribuir com a entrevista para a coleta de dados.

Os narradores profissionais foram os primeiros convidados a aceitar serem entrevistados. Nesse período uma das narradoras, a Narradora 1, estava fora do País, em Portugal, onde viajou para a publicação de um livro, no qual participou como uma das escritoras. Por conta da viagem e alguns contratemplos, tivemos de remarcar a entrevista por uma vez, mas a segunda tentativa foi validada e ela muito gentilmente cedeu sua entrevista a nós. Essa entrevista aconteceu na manhã do dia 02/07/2022 via *Google Meet*.

O Narrador 2 quando convidado a ser entrevistado aceitou de uma maneira muito receptiva e combinamos para uma determinada data. Mas na véspera do dia chegar, ele havia tomado sua 4ª dose da vacina contra a Covid-19 e sentiu reação. Por conta disso, remarcamos para uma nova data, e nessa conseguimos executar a entrevista de uma forma muito tranquila na tarde do dia 05/07/2022 via *Google Meet*.

Para esse grupo de narradores de histórias profissionais mencionados, foram feitas 10 (dez) perguntas sobre seu trabalho, a arte de contar histórias de tradição oral e sua função educativa no trabalho pedagógico. Primeiro, perguntamos quais foram as suas motivações para se tornarem narradores de histórias.

A Narradora 1 nos respondeu com o seguinte: *“Eu vivi sempre muito cercada com as histórias, né! Minha mãe sempre foi uma pessoa que lia muito e sempre contava as histórias todas pra gente, e meu pai ele tinha três histórias de tradição e sempre nos contava”*. Acreditamos que a fala da Narradora 1 enfatiza que ouvir histórias contadas por seus pais em casa foi importante no desenvolvimento de sua intimidade com os contos e com os caminhos de sua narrativa.

De acordo com Ramos (2010 p. 92), o ambiente familiar é onde acessamos as primeiras histórias de nossas vidas, sendo algo que inicia em casa e vai se intensificando com as extensões de nossas relações com os outros que se desenvolvem multiplicando o nosso campo de experiências.

#### 4.2 Os Dados analisados

O cerne de histórias se constrói primeiro no lar de cada um, com as pessoas de sua convivência, com quem são tecidas as relações de afeto. Tanto que a maioria dessas histórias contadas na moradia, refletem nas situações que correspondem a construção daquele seio familiar, histórias que vão do que aconteceu há tempos a acontecimentos do dia a dia ou ao que ainda nem aconteceu, mas que já está sendo idealizado para acontecer no futuro, com suas energias todas concentradas na imaginação.

Matos (2014, p. 162) rememorando ao que foi dito pelo contador tradicionalista Amadou Hampâté Bâ evidencia que *“a educação tradicional começa no seio familiar [...] As primeiras lições da vida são dispensadas por eles, não apenas pela experiência, mas pela experiência, mas pela narração dos contos, fabulas, lendas [...]”*.

Essa narração de histórias na moradia, com a família, preserva os contos passados de geração em geração por seus ancestrais, as vezes a criança nem teve o contato com os seus avós e demais parentes, por exemplo, mas já ouviu histórias contadas por eles transmitidas por outras pessoas no hoje.

Ainda sobre essa questão, a Narradora 1, complementa dizendo que esse terreno de histórias que nasceu em sua casa foi rico e produtivo *“Mas o que me despertou muito foi uma grande contadora de história que se chamava dona “Dejesuis”, hoje ela ainda é viva e ela me contava histórias debaixo de uma grande mangueira”*, evidenciando o seu despertar para a arte

de contar histórias na influência nascida de uma contadora de histórias tradicional que esteve por muito tempo presente na sua vida.

A partir do que foi contado, pudemos compreender que quando a Narradora 1 disse que vivia cercada de histórias, ela também se referia ao ato de contar histórias iniciado por seus pais dentro de casa e por "Dona Dejesuis", uma contadora de histórias tradicional, que no terreiro de casa à sombra de uma árvore mantinha o ritual de contar histórias. A prática de dona "Dejesuis" remete ao que faziam os contadores tradicionalistas nos séculos passados ao redor de suas fogueiras.

A partir da fala dessa Narradora, podemos retomar aqui que: era ao redor das fogueiras, antes mesmo da escrita existir, que as pessoas se reuniam para contar as histórias de seus ancestrais e seus modos de vida uns para os outros, como um ritual de preservar e manter viva a história do seu povo, reacendendo a memória e apagando o esquecimento (TIERNO, 2010).

Assim, nas rodas, os contadores tradicionais compartilhavam o seu conhecimento popular, experiências adquiridas com o passar do tempo e as lembranças percorridas no emaranhado da sua memória e imaginação.

Para essa mesma pergunta, o Narrador 2, nos responde “[...]levando em consideração que eu já era ator, eu comecei a me identificar com essa questão de contar, de levar a história pra criança aí esse foi o motivo maior de ter... de ser contador de história”. Diante da resposta nos dita por ele, percebemos que a arte cênica se aproxima muito da arte de contar histórias, todas possuem essa intenção de partilhar uma mensagem com o público, ser mensageiro de uma história, mas possuem particularidades que as diferenciam na sua performance enquanto narrador oral e ator.

Certamente, uma das diferenças é o fato de que o teatro, cinema e algumas outras artes estão conectadas ao campo da visualização, enquanto a arte de narração oral as imagens acontecem apenas dentro da imaginação (MATOS, 2014).

Na segunda pergunta, questionamos aos dois o que pra eles seria o significado de ser contador de histórias, e da Narradora 1 recebemos a resposta de que ser contador de histórias “é uma construção permanente de pontes entre as pessoas, é a arte do encontro, é a arte de cura, é a arte da gente olhar empaticamente para as histórias dos outros, porque elas também são as nossas histórias e vendo os outros a gente ver a nossa história”.

Certamente, a resposta da Narradora 1 enaltece a função terapêutica dos contos, bem como os povos orientais que conceberam o conto como um processo curativo e terapêutico, alcançado com a reflexão sobre eles (BUSATTO, 2012).



A narradora 1 também traz em sua resposta que a história de um e de outro reflete na vida de muitos outros. Portanto, ser contador de história seria estabelecer conexões entre as pessoas, fazer com que elas se reconheçam nas histórias de si e dos outros e ter um olhar de empatia nos encontros que chegam, nas relações que se aproximam feito pontes e curam quando nos faz entender que somos de um mesmo território e de um mesmo povo e embora tenhamos as diferenças, também existe muita coisa em comum que nos aproxima.

A narradora 1 também complementa *“contar história pra mim é juntar gente, é criar laços, é unir as pessoas e é perceber como os outros são importantes, como as nossas histórias elas são importantes e como a gente pode contar nossas histórias para tantas”* essas palavras trazem a importante visão de que toda história de vida é importante, única e digna de ser contada e conhecida pelo povo.

Já o Narrador 2 dá sentido ao que é ser contador de histórias dizendo *“É afetividade, é ter afeto pelo público, então isso é o que eu gosto, é aquele olhar penetrante, é aquele (aquele) abraço, aquele carinho, então contar histórias é mais ou menos diálogo, é dialogar com a criança, com o jovem, com o adulto”*, sua resposta nos faz encontrar no afeto o sentido de ser contador de histórias, que funciona como a porta de entrada para o diálogo entre as pessoas, uma ponte que abraça todos os públicos, evidenciando que a contação de histórias é para todos.

O referido narrador diz também que *“Se narramos um filme, narramos um capítulo de uma novela, um acontecido... veja que a gente tá transmitindo algo, então contar histórias é transmitir, transmitir alguma coisa e as histórias tem muito o que dizer”*, suas palavras nos levam a refletir sobre o fato de que contar histórias é algo próprio da nossa comunicação, isso porque tudo possui uma história tanto o material quanto o imaterial, então as histórias são infinitas e diversas e nós somos seres comunicativos, temos a necessidade de compartilhar com o outro aquilo que nos afetou.

Seguindo o roteiro, prosseguimos com a terceira pergunta: que tipo de contador/a de histórias é você? Como você descreve sua performance narrativa? Com isso a Narradora 1 nos afirma *“Eu sou uma contadora de histórias que sempre busco beber na fonte da tradição”* se descrevendo como uma contadora que tem na voz e nos gestos os seus principais instrumentos de trabalho.

Para além disso, ela também menciona o seu gosto por narrar coisas do Cariri citando alguns dos principais personagens de seus contos tradicionais como “Ciça do barroco”, “o príncipe Ribamar” e “Maria Caboré” dizendo *“muito tempo foram invisibilizados, por muito tempo a voz deles teve só no cariri é... e eu muito, é, com muito respeito peço a eles pra amplificar a voz deles por onde eu passo e levo essas histórias”*.

A Narradora 1 transpõe que sua narrativa está a serviço dos personagens e dos contos do seu lugar de origem, demonstra que tem o compromisso de tornar conhecidas as histórias do seu povo, unindo sua voz com a dos personagens no propósito de torná-las conhecidas e ouvidas por mais pessoas e territórios.

Por sua vez, o Narrador 2 nos contou que quando começou a contar histórias levava para dentro da arte as pegadas do teatro, *“Eu misturava, eu dizia: eu sou ator, sou contador de histórias... e me caracterizava e me pintava e pintava rosto, colocava roupas extravagantes pra ir contar história, mas com o tempo eu vi que não era nada disso”*.

Com esse depoimento podemos entender que muito embora as artes cênicas e de narração oral sejam próximas, cada uma possui a sua particularidade e dentro disso a narração oral é aquela que se distingue como arte ligada a palavra que se constrói pela conexão entre memória, voz e gestos.

O Narrador 2 também declara *“Eu sou um contador de história que preza pela oralidade, pela palavra, o dom da palavra, entendo a palavra como meu material de trabalho e eu exploro essa palavra. Então, eu sou contador de história oral, esse que não precisa de muitos paramentos, nem parafernália”*. A maneira como ele descreve o seu ser narrador e sua performance demonstra que a contação de histórias tradicional é uma arte que se posiciona por meio da palavra falada, não dependendo de materiais concretos para o seu existir.

A 4ª pergunta feita aos narradores vai de encontro a como eles percebem a contação de histórias na contemporaneidade. A Narradora oral nos respondeu da seguinte maneira *“Eu percebo que ela mudou muita coisa. Nós somos de um grupo de narradores urbano que pensa a arte performática da narrativa com seus gestos, com as suas intenções...é, tudo o que a gente leva pra cena quando a gente vai contar história ela tem intenção”*.

A narradora 1 nos informa que ela faz parte de um grupo de contadores de histórias urbanos, e neste ponto é importante entender que sua cena de atuação se expandiu à medida que a narrativa se tornou mais especializada.

Esse fato é evidenciado pelo Narrador 2 ao dizer *“hoje essa contação ela tomou os palcos, tomou os festivais, ela tomou apresentação pra muita gente, pra uma praça, pra um bosque, debaixo de uma árvore. Então, a contação é aquela que tomou uma vastidão e não só mais aquele indivíduo...”*.

Portanto, mesmo acenando que as raízes de seu trabalho estão na oralidade, sua performance enquanto narradora urbana não se resume ao campo da tradição, onde o contador tradicional se posiciona na sua comunidade contando a história do lugar para seu povo e para quem chega.

Diante disso, os contadores urbanos podem ser descritos como contadores de histórias imersos e ativos na era da modernidade, preocupados com a expansão de suas técnicas e interessados em trazer para o campo da escrita, os contos encontrados na oralidade (MATOS, 2014).

Posto que, na contemporaneidade, os movimentos dos narradores urbanos acontecem para além do seu território de origem, pois são narradores que “[...] fazem cursos, misturam linguagens, usam objetos, músicas, figurinos... A narração vira performance e entra em espaços culturais. Os pais levam seus filhos e experimentam juntos o papel de ouvintes.” (LACOMBE et al, 2011, p. 117)

Ao passo de tudo isso, na atualidade, a contação de histórias atinge diversas esferas: culturais, educacionais, empresariais, sociais etc. Deste modo, com sua presença em diversos âmbitos, o efeito colateral mais óbvio é seu público também ter aumentado, confirmando isto o Narrador 2 diz *“a contação de história hoje em dia é pra uma multidão, ela tanto é pra um público e assim ela atinge todas as camadas da sociedade, então é essa contação de história que tomou um campo maior de público, né, ela levou essa palavra a um público muito grande”*.

Na questão 5 perguntamos o seguinte: pra você, quais são os principais desafios de sua profissão? Sobre os desafios a Narradora 1 destaca a desvalorização sofrida e a necessidade de *“pensar numa rede que se apoie, que lute por políticas públicas, porque cada arte ela tem a sua singularidade e a contação de histórias não é diferente”*. Então essa fala da Narradora 1 se encontra com a do Narrador 2 que exemplifica esse desafio ao dizer *“Nós temos enfrentado a profissionalização do contador de história. Oh, eu vou trazer pra uma coisa mais jurídica, quando a gente vai emitir alguma nota pra um certo lugar que a gente participou, nós não emitimos como contador de histórias, como ator”*.

Assim, notamos que a arte cênica e de narração oral são confundidas entre si dentro da nossa sociedade, mesmo possuindo sua particularidade. Então na visão dos narradores 1 e 2 o principal desafio é o reconhecimento da contação de histórias como profissão que caminha com os seus próprios pés e não uma ramificação da arte cênica ou de alguma outra. Portanto, existe essa necessidade de criar políticas públicas efetivas que contemplem e defendam a profissionalização dessa arte e meios para sua sedimentação.

Além disso, na contemporaneidade a narração de histórias não possui uma regulamentação de sua prática enquanto profissão. Mas é percebido que os narradores com as formações nessa arte e construção de saberes sobre sua prática performática, estão se profissionalizando e atuando com preços ajustados ao mercado de trabalho. (BUSATTO, 2013)

Nesse sentido, é importante mencionar que essa desvalorização e falta de registro profissional, reflete sobre a visão que a sociedade tem sobre essa arte. O Narrador 2 nos conta, por exemplo, “*olha, é tanto que quando a gente chega pra se apresentar, chego com essa oralidade que eu te disse, mas as pessoas: ah, mas tú não vai botar uma roupa, botar uma coisa, não vai se pintar? não vai... eu digo, não. Então como se a gente fosse o ator ainda, sabe?*” Essa reação das pessoas é efeito dessa relação que há entre os dois tipos de arte, movida pela desvalorização nascida dessa falta de reconhecimento sobre a narração oral.

Na pergunta 6, questionamos o seguinte: pra você, o que significa o conto popular na vida dessas crianças trabalhados em sala de aula? A Narradora 1 enfatiza:

*significa dizer que esse é o conto do nosso povo e se ele passou de geração em geração e chegou até a gente é porque ele tem muita importância, porque ele fala de gente simples, porque é essa gente simples que dá liga nesse mundo, é essa gente que aparentemente frágil/fragilizada é que sustenta esse mundo, o homem do roçado, a mulher que cuida dos filhos, a professora que tá na sua sala de aula com dezenas de crianças que sonham em ver o mundo melhor, esse é o trabalho do conto popular, elevar a trajetória dessas pessoas ali pra aquelas conversas com os meninos e meninas pra que eles possam ver a grandeza que é a simplicidade da vida. Esse é o conto de tradição, é o conto que eu mais gosto, apesar de trabalhar conto de autor eu to ali com os meus pés muito firmes nesses contos tradicionais.*

Nas palavras da Narradora 1, pensamos sobre o fato de que as escolas se prendem muito a literatura escrita dentro da sala de aula e consideramos sua presença como algo fundamental e indispensável. Mas refletimos sobre quantas vezes estudamos histórias que possuíam realidades próximas a nossa ou personagens?

Ou seja, essa reflexão é importante porque nos conduz a lembrar que aqui no interior tem muitas pessoas que trabalham com a agricultura, mas quantas vezes lemos/ouvimos histórias sobre eles na sala de aula ou sobre a senhora que passa de porta em porta vendendo cocadas, trazendo para a realidade do lugar onde moro.

Certamente, porque todo lugar possui suas características, sua construção, e nessas relações interpessoais e mercadológicas nossas vidas já se cruzaram com a de muita gente, mas nem sempre a gente costuma parar para refletir sobre o processo desses encontros e a importância deles no nosso viver.

Nesse encontro com a reflexão o Narrador 2 diz “*O conto popular, ele é importante porque retoma nossas raízes. Eles nos fazem conhecer coisas muito próprias da gente, é, nós principalmente conhecemos muito cordéis, cantadores, emboladores, poetas populares e quando a gente traz contos e populares pra dentro de nossa sala de aula faz com que a gente se identifique, tenha a nossa identidade*”.

O Narrador 2 cita as marcas do sertão presentes na literatura de cordel, nas emboladas, cantorias dos cantadores de viola e nas poesias populares. Todas essas coisas ditas revelam a identidade de morar no sertão e nos aproxima do nosso povo. Trazer para a sala de aula significaria promover o encontro dos alunos com as raízes do seu lugar de origem, demonstrando que é com essas matérias que nosso lugar se constrói.

Ainda segundo o Narrador 2 *“É de importância pro aluno conhecer que a gente ainda tenha essas manifestações e bem pertinho da gente e coisas que são pesquisadas mundo a fora e aqui dentro da nossa casinha, do nosso território”*.

Na pergunta 7 quando indagados a respeito de como avaliariam a importância de contar histórias, a Narradora 1 responde *“Pra mim, é de suma importância, pela escuta, pela afetividade e pelos laços que se criam entre quem escuta, quem conta e o texto. Ter a narrativa é tão importante que depois de anos a gente acessa essa mesma história porque ela significa pra gente”*, enquanto o Narrador 2 destaca que *“A importância é essa troca de ideias, troca de carinho, troca de afeto, de tanta coisa boa que... vamos dizer você é o público e eu tenho pra oferecer, assim como você tem pra me oferecer, então a gente vai tendo essa troca”*.

Observamos que os dois narradores concentram o ato de contar histórias na afetividade, adiantando as relações que vão se estabelecendo entre o conto, o narrador e o público. Então, um dos efeitos de sua importância seria construir memórias uns com os outros, promovendo diálogos imersos em uma relação mútua.

Sendo assim, a relação de afeto em que se envolve a contação de histórias é uma de suas partes essenciais, principalmente dentro da integração entre o narrador, ouvinte e o conto porque durante a cena o narrador pode perceber como cada um é tocado pela história e se posicionar dentro da narrativa buscando sempre esses encontros entre todos (BUSATTO, 2012).

Na 8ª pergunta: você acredita que os contos populares estão integrados ou sendo trabalhados na sala de aula? A Narradora 1 nos responde *“Penso que a gente ainda precise olhar muito esse conto popular dentro da sala de aula. Temos alguns, sim, mas eles podem ser mais intensificados. A gente tem muito de ausência nesse campo de pensar que a literatura é só a literatura escrita!”*.

Com base nas suas palavras, entendemos que os contos de tradição oral estão presentes na escola, mas ainda são poucos e podem ser intensificados. A pouca quantidade de contos, pode ser reflexo da manutenção em pensar que literatura é apenas o que está no papel para ser lido. A Narradora 1 se coloca no cariri e também acrescenta:

*“O sapateiro lá da rua padre Cicero, ele há anos conserta os sapatos de tanta gente e qual é a história que ele conta para os nossos alunos? ele precisa estar dentro da nossa sala de aula pra dizer a importância de não se jogar e aquilo que se quebra a gente pode consertar, porque a gente passa a vida inteira quebrando tanta coisa, inclusive a cara, e às vezes a gente não sabe consertar, porque a gente não teve o trabalho de sentar e nos reconstituir. Então o conto ele precisa tá... e o conto de tradição ele é um conto de muita importância para todos nós e a essa oralidade ela precisa tá cada vez mais presente na vida dos nossos alunos em sala de aula”.*

Com isso ela consegue voltar o nosso olhar mais uma vez para as histórias de vida do nosso povo, lançando o nosso olhar de reflexão sobre os que a gente convive com eles dentro de casa, os que nos rodeiam e sobre os que a gente não alcança com a nossa visão, mas sabemos da existência deles e de outros territórios também.

Com o intuito de retomar ao que já foi dito por ela, acreditamos que esse movimento feito com o pensamento no outro é um exercício importante, porque a gente vai percebendo que não são só histórias de vida que se cruzam mas que se reconhecem uma na outra, entendendo que cada pessoa, cada matéria é parte de uma única história. Mais do que isso, a gente pode enaltecer a importância dessas pessoas dentro de nossa sociedade, porque todos temos algo para ensinar e também aprender.

O Narrador 2 pra essa mesma pergunta nos respondeu *“Não. Se perdeu muito, se perdeu muito. É por isso que eu digo, nós temos o papel de resgatar isso que a escola não tem feito,* Ele traz uma nova ótica, dentro da sua realidade os contos de tradição oral ainda não estão presentes dentro da sala de aula, e reconhecendo a importância desses contos para construção educativa, toma para a sua profissão de contar de histórias a função de desempenhar esse trabalho que está ausente na sala de aula.

De uma maneira muito cirúrgica, o Narrador 2, destaca o que observa *“sabe quando é lembrado alguma coisa popular? quando chega o mês de agosto, que é o mês do folclore... aí as pessoas “ah vamos falar da cuca, vamos falar do saci, vamos falar disso, vamos falar daquilo, da mula sem cabeça. Pronto. Depois passou ninguém mais fala, vamos lembrar o mês do folclore que é isso e é aquilo outro. E aí é muito precário essa questão do popular dentro da sala de aula, eu julgo e defendo que deveria ser mais eficaz o conto popular dentro da sala”.*

Ao encontro da resposta anterior, perguntamos as professoras: com que frequência são realizadas atividades ou culminâncias que contemplem histórias populares (contos, mitos, lendas...) na escola que você trabalha?

A professora X nos diz *“Eu trabalho contação de histórias na minha sala de aula semanalmente”.* Sua resposta contempla a arte de contar histórias, mas não deixa claro que tipos de contos são contemplados durante as atividades de contar histórias. A professora Y comenta *“Quando é uma data importante a gente traz para trabalhar com eles. Sempre que*

*acontece uma data que a gente ver que tá dentro daquela culminância a gente expande nossas histórias e assim não tem dia não, nem data escolhida é quando tem uma comemoração assim a gente aproveita.*”, o que nos faz entender que acontece em uma época específica, durante o folclore por exemplo já que é uma culminância totalmente ligada ao conhecimento popular. A professora Z diz que acontece “Bimestralmente”, mas não dá detalhes de como ocorre.

Perguntado as professoras sobre os contos estarem mais presentes ou ausentes na escola, suas opiniões se dividem. A professora X nos diz que “*Os contos populares estão sim presentes na educação por que é uma herança que preserva a tradição dos povos.*”, a professora Y pontua “*Olha, eu acho que eles não estão presentes. Mas a gente tá resgatando, a gente tá sempre trazendo, mostrando pra eles, para as crianças, porque é tipo assim é uma história que eles ainda não sabem da nossa cidade as vezes né, e a gente tá sempre buscando, mostrando pra eles*”, enquanto a professora “Z” enfatiza “*Mais presentes. Porque os contos despertam a curiosidade, a imaginação e a criatividade das crianças.*”

Diante das respostas notamos que todas consideram importante o trabalho com o conto de tradição oral. A professora Z fala sobre o conto de modo geral, enquanto a X define o tipo de conto. Com relação a resposta da professora Y entendemos que os contos estão presentes ao mesmo tempo que não estão. É como se os contos estivessem integrados ao processo pedagógico, mas ainda fossem pouco explorados.

De acordo com Busatto (2012), o conto de literatura oral ainda não recebe a atenção devida nas escolas, são trabalhos apenas em uma determinada época do ano, durante o folclore, como se sua importância existisse apenas nos dias em que as atividades sobre os contos, mitos e lendas são trabalhados com essa manifestação cultural.

Trilhar caminhos da aprendizagem munidos com a literatura oral seria então contribuir com a diversidade dos saberes, mostrar que esses contos também são riquíssimos e dotados de significados que nos auxiliam ao compreender de nossas existências e das relações que construímos uns com os outros.

Instigados a descobrir sobre o trabalho com os contos populares na sala de aula, perguntamos as professoras: Você trabalha com algum tipo de conto popular na sua sala de aula? Se sim, quais seriam esses contos?

A professora X nos disse “*Eu não levei ainda pra sala de aula contos populares do nosso lugar não, mas vou fazer uma pesquisa e procurar incluir também, até pq eles são bem pequenos eu teria que fazer uma contação de forma teatral.* Professora Y nos respondeu “*A gente sabe que é pequenas histórias contadas, hereditárias, contadas... já trabalhei sim, inclusive eu fiz uma pesquisa e pedi pra que eles conversassem em casa com os pais pedissem*

*pra eles contarem histórias que aconteceu com eles quando eram crianças e eles vieram com muitas histórias engraçadas que todo mundo cada um ia contando a sua e lembrando mais e mais querendo contar a sua”.*

Nas respostas obtidas com as professoras X e Y percebemos que as duas atribuem o caráter de histórias curtas para os contos de tradição oral. Mas quando a professora Z pra essa mesma pergunta cita os contos “*O sapo e o veado; o jabuti e a onça; a cumbuca de ouro e os marimbondos; a raposa e o tucano; o macaco e a cotia; entre outros.*”, mostra que nem todo conto de tradição oral se resume em uma história curta. O conto do “Veado e a onça” da Ana Maria Machado, por exemplo, não é um conto tão curto e pode ser muito explorado.

Mas entendemos que suas respostas confluem pela razão, porque os contos eles possuem essa característica de ser geralmente mais curto se comparado as histórias literárias que tomam todo um livro. Destacamos também, o importante trabalho mencionado pela professora Z que possibilitou a condução de uma teia de afeto, munida das histórias ouvidas dos pais por cada criança, uma atividade capaz de despertar o interesse das crianças, pensada com o exercício da escuta e do diálogo. Escuta e diálogo podem ser compreendidas como algumas das características do trabalho com esses contos.

Quando perguntado: Como você compreende a função educativa dos contos populares?  
A narradora 1 responde:

*“Olha! eu vejo muito por aquilo que nos aproxima. Às vezes, as princesas estão longe mas os agricultores eles estão tão perto, estão aqui do nosso lado. O conto de tradição que vai trazer muito essas figuras, não é tanta beleza como a gente quer fantasiar, a vida é pintura e eu acho que o conto nos ajuda a lidar com tudo isso. Ajuda, por exemplo, o conto de tradição a entender por que é que a menina foi abandonada, porquê é que a menina é precisou de anos e anos a percorrer um caminho pra voltar transformada, porquê é que o príncipe sai pelo mundo e modifica-se, quando volta não é mais o mesmo. Esses contos de uma maneira, muito lúdica, ele ajuda a nos entender, que se aquele momento não houve solução para os problemas que foram enfrentados no decorrer do caminho, então a nossa vida também não tem e aí a gente consegue ver por uma outra ótica e quando vemos o problema por uma outra ótica a gente tem mais facilidade de lidar com ele, então essa função do conto pra mim ela é muito terapêutica.”*

A resposta da narradora 1 demonstra o fato de que fomos acostumados a ouvir histórias de princesas ou príncipes que dentro de um cenário real, fugindo da fantasia realmente existem, mas não estão presentes na nossa cultura. Ao contrário disso, os agricultores são figuras muito marcantes do sertão e estão próximos de nós.

Então por que não explorar a sua história de vida? É uma história que se aparta das fantasias porque ela é real e isso importa para que possamos compreender melhor da realidade que estamos inseridos e da que nos cerca. O agricultor, mencionado pela Narradora 1, pode nos



ensinar sobre a paciência que ele emprega no seu trabalho, explicando que os processos da vida demandam tempo igual as plantações, falar da importância do seu trabalho em vários sentidos. Esses são exemplos, mas sabemos que as possibilidades são infinitas e que eles possuem uma bagagem imensa a ser contada.

O Narrador 2, por sua vez, diz *“Os contos populares geralmente são carregados de lições, de exemplos de vida, muitos deles trazem assombrações, trazem lendas, coisas bem regionais. Mas a função que eles exercem na educação é essa de relações interpessoais, de mostrar histórias que trazem como se deve ser trabalhado a questão da educação, das boas maneiras, de práticas sociais, então por isso que eles são bem importantes nesse sentido”*.

O que nos foi dito pelo Narrador 2 evidencia o caráter educativo dos contos populares em relação as lições que eles promovem. São contos capazes de despertar emoções com as suas histórias assombrosas, apresentar lendas cultuadas de geração em geração e os exemplos de histórias de vida presentes naquele lugar.

Então seria uma forma de destacar as convivências dentro das relações interpessoais, as boas maneiras e atitudes que podemos ter para a preservação de uma harmonia enquanto cidadãos éticos e autônomos.

Nesse cenário de indagações, finalizamos com o questionamento nº 10: Onde você mora existem moradores autodeclarados contadores de histórias populares ou então sendo reconhecidos assim pela comunidade? Respondida pela Narradora 1 com o seguinte: *“Eu moro com um contador de tradição. Meu pai. Ele conta histórias e conta muito bem, mas ele é aquele contador que tá na nossa casa, ele não conta pra mais ninguém que não nós. Na minha comunidade, não. As pessoas tão fechadas nas suas casas, as pessoas nem se conhecem, não tem esse narrador de tradição. Mas a gente vai em outras comunidades que essa figura é muito presente, como na comunidade da água fria em Barbalha-CE, como na comunidade do carrapato no Crato-CE, então nós vivemos a garimpar quem são esses contadores. A minha rua é cheia de gente que trabalha e não se conhece e perdeu a arte da escuta e perdeu a arte da narrativa, do encontro e da fabulação entre os vizinhos”*.

De acordo com a Narradora 1, na comunidade onde ela mora não existem pessoas assumidas como contadores de histórias, evidenciando que na sua casa tem um contador de histórias tradicional, o seu pai. Mas é o típico contador tradicional que está com os seus contos fechados dentro de cada e conta apenas para os de sua casa.

Essa realidade da Narradora 1 faz parte da realidade de muita gente. Nem sempre as pessoas da comunidade conversam entre si, as pessoas mais se veem do que se enxergam. Mas

em outras realidades, a figura do contador tradicional autodeclarado está presente e mais valorizada.

Pois veja que nas palavras do Narrador 2 isso é evidenciado: *“Sim. Tem. Eu vou citar aqui o mestre Aldenir. O mestre Aldenir é do reisado, do folclore e ele tem uma comunidade lá no Crato na vila lobo eu acho que é vila lobo ainda se eu não me engano e ele tem ele é reconhecido assim a gente reconhece ele como contador de história popular e você senta com ele e ele destrincha um monte de coisa que você fica boquiaberta então na minha opinião é o maior contador de histórias popular que o cariri tem é o mestre Aldenir temos outros que trabalham dentro dessas comunidades mas ele pra mim ele é a referência, o mestre Aldenir, do reisado”*

Tabela 1- respostas obtidas com os contadores populares nas entrevistas

Roteiro de perguntas	Contador 1	Contador 2	Contador 3	Contador 4	Contador 5	Contador 6
Você se considera contador/a de histórias?	<i>“Várias vezes eu penso que eu sou um bom contador de história porque o povo em todo canto que eu chego todo mundo gosta.”</i>	<i>“Só aprende assim, os outros vão contando e eu vou decorando é o estilo meu.”</i>	<i>“Mais ou menos, né.”</i>	<i>“Sim.”</i>	<i>“Sim, me considero.”</i>	<i>“Sim, muito simples”.</i>
O que é contar histórias para você? Como você se sente fazendo isso?	<i>“Eu me sinto importantíssimo, todo mundo dá valor à eu, quando eu chego nos canto o povo já recebe sorrindo”.</i>	<i>“É assim, eu acho engraçado, né. Cada história mais bonita né, as pessoa acha engraçada aí vou a luta assim contando”.</i>	<i>“Ah, me sinto à vontade, me sinto famoso, né.”</i>	<i>“Acho muito importante, gosto muito.”</i>	<i>“É um divertimento que me traz alegria.”</i>	<i>“Recordação do passado”.</i>
Que sentimentos você possui pelos contos?	<i>“Pra mim é uma beleza.”</i>	<i>“Acho assim, divertido, acho bom contar as histórias mais bonita.”</i>	<i>“Muito importante, né.”</i>	<i>“Ser feliz.”</i>	<i>“É de recordação de quando eu tinha meu pai e minha mãe pra me ouvir.”</i>	<i>“Uma lembrança muito boa.”</i>

Como você observa os mais interessados a ouvir histórias? São as pessoas mais velhas ou mais jovens?	<i>“Todos eles.”</i>	<i>“Dos estilo de história que eu acho bonito assim, os mais velho conta as história mais antiga, eu acho importante, são os mais velho.”</i>	<i>“Ah, todos mas as criança observa bastante.”</i>	<i>“Todos gostam de ouvir”.</i>	<i>“Mais velha porque são mais prestativa ao assunto.”</i>	<i>“Mais nova”.</i>
Ouvir histórias foi algo comum na sua infância?	<i>“Muito contaram.”</i>	<i>“Eu ouvi muita história. É que as vezes dá um branco assim, na memória, e aí a gente aprende muitas histórias mas aí na hora de gravar dá um branco e a gente esquece.”</i>	<i>“Foi, eu já nasci contando história.”</i>	<i>“Sim, meu pai e minha mãe contava.”</i>	<i>“Costumava sim”.</i>	<i>“Costumava”.</i>
Tem alguém que te conta/va histórias e você admira/va muito?	<i>“Ele já morreu, mané muito, era um sujeito tio meu. Ele tanto mentia quanto falava a verdade mas as história dele era boa.”</i>	<i>“Tem umas duas pessoas, como nossa amiga mencionou o nome que foi Zé Galdino. Mas eu achava umas história muito bom era do finado Zé Costa contava, tinha umas piada muito boa, história.”</i>	<i>“Tinha, mas já morreu. Era o finado Zé Galdino.”</i>	<i>“Meu pai. Mas já morreu.”</i>	<i>“Muita engraçada tinha meu tio e minha tia, “madinha” e “padim”.</i>	<i>“Tinha, mas já faleceram. Era meu pai, minha vó e outros mais.”</i>
Quais seriam os nomes das histórias ou personagens mais marcantes de nossa história local?	<i>“São Francisco de lavras, Quitaiús, hoje chama Quitaiús.”</i>	<i>“Só as história que zé costa contava e eu achava muito bonita”</i>	<i>“Tem bastante e são várias... a da seca.”</i>	<i>“A história de uma cobra contada pela minha mãe.”</i>	<i>“A história que meu pai contava de um rapaz que namorava uma moça.”</i>	<i>“Posso, a história de vida do meu pai.”</i>

A partir das respostas obtidas com o grupo de contadores populares entrevistados, fica entendido que todos se consideram contadores de histórias. Percebemos também que pra eles essa prática, os torna importantes, reconhecidos dentro da comunidade, traz lembranças do passado e desperta vários sentimentos e sensações. Os contadores, comentam que sentem beleza, felicidade, diversão e recordação pelos contos. De acordo com a maioria das respostas, a escuta atenciosa das histórias é abraçada por todos os públicos, dos mais jovens aos mais velhos.

Quando questionados sobre as pessoas que lhe contavam histórias e as admiravam muito, todos confirmaram a existência de uma ou mais pessoas que marcaram suas vidas por meio da contação de histórias, e as respostas indicaram que todos os que foram mencionados já faleceram, mas possuíam algum tipo de familiaridade ou relação com eles. e o mais interessante de tudo é a questão de que cada um conhece uma história diferente, o que nos faz pensar no que bacana seria uma roda de histórias com diferentes contadores populares, narrando os contos, lendas e mitos do seu povo e território para dentro de sua comunidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo de bases teóricas e contribuição de agentes da educação e da contação de histórias, foi possível compreender algumas das questões envolvidas na integração ou não dos contos de tradição oral na escola. Uma das inquietações pelas quais esse trabalho se moveu foi a procura de entender como esse tipo de conto é percebido e trabalhado dentro da sala de aula, e a partir do que foi coletado, percebemos que o conto de tradição oral possui de fato diferentes visões ao seu respeito.

Fica claro que os contos de tradição oral são os contos mais acessados no seio familiar de cada um, pois se trata de um conto de caráter ancestral então é comum perceber as pessoas narrando uns aos outros os acontecimentos vividos por eles e seus antepassados, mas nem sempre se tem um olhar para perceber a riqueza dessas histórias.

A partir da escuta sensível dessas histórias é possível adquirir mais conhecimento e repertório cultural, além do mais essas histórias também fornecem condições para que a imaginação possa atuar sobre elas e conduzir a diferentes interpretações. Essa é uma das maiores fontes de riqueza porque não se trata de oferecer imagens ou interpretações prontas, mas possibilitar que cada um a partir do seu referencial interno construa o lugar e os personagens do que se é narrado.

Acreditamos na importância do desenvolvimento de trabalhos que contemplem a literatura oral e possibilitem a salvaguarda dos contos que permeiam o território do lugar onde moramos, fazendo com que esses contos sejam preservados e se tornem um material concreto e de maior divulgação.

Desenvolver trabalhos escolares, explorando as características desses contos e suas condições de trabalho é essencial para que se possa buscar mais dos elementos de nossa cultura, entender mais de seus mitos e suas origens, conhecer mais do seu povo e da história do lugar onde se vive. Atuar na intenção de favorecer o conhecimento desses contos é o mesmo de fazer ser ouvida a voz de quem tem muito pra contar, valorizar os contadores populares e seguir acreditando que cada um tem algo importante para contar.

Existem muitas possibilidades de se trabalhar com os contos de tradição oral, unido a escrita eles podem fazer parte da literatura oral e escrita. Também se pode desenvolver um trabalho de ouvir as histórias gravar em um *cd* e possibilitar seu acesso e divulgação pra mais pessoas, torna-los podcasts também é uma proposta interessante percebendo a popularização das mídias digitais.

Portanto, sensibilizar para o desenvolvimento de propostas e trabalhos com os contos de tradição oral se mostra uma atividade necessária com turmas de anos iniciais, considerando que esta é a etapa mais importante depois da educação infantil. Então buscar, reconhecer e partilhar contos de tradição oral em sala de aula é enaltecer e valorizá-los, construir novos significados e manter a tradição do conhecimento popular cada vez mais vive.

Depreendemos que a imersão nesse tempo foi essencial para que enquanto educadores possamos construir olhares para a riqueza que nos cerca, possibilitar uma sensibilidade sobre o trabalho com os contos orais, permitindo com que a gente possa conhecer mais do nosso povo, do nosso lugar de origem e dos contos, mitos e lendas que os constituem.

Portanto, fica defendido o trabalho com os contos de tradição oral em sala de aula, pois acreditamos diante das expositivas em seu potencial educativo, devendo ser explorado com mais afinco e pensado como uma forma de ampliação do conhecimento cultural, a partir da construção de acervos pautados na literatura oral.

## REFERENCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica: arte e política: ensaios sobre literatura e histórias da cultura**. São Paulo: Editora brasiliense, 1987.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 150 p.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 123 p.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. 1ª edição digital, São Paulo: Global Editora, 2014.

CÉSPEDES, Francisco Garzón. Contadores de histórias: oralidade, narração oral e narração oral cênica. In: KUHNER, Maria Helena. **O teatro dito infantil**. Blumenau: Cultura em movimento, 2003.

FARIAS, Carlos Aldemir. **Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade**. In: PRIETO, Benita (org.) **Contadores de Histórias: um exercício para muitas vozes**. Rio de Janeiro: s. ed., 2011.

LAKATOS, E. M., MARCONI, A M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATOS, A. G. **A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014. 203 p.

PRIETO, B. (Coord.). *et al.* **Contadores de Histórias: um exercício para muitas vozes**. 1. ed. Rio de Janeiro: PRIETO PRODUÇÕES ARTISTICAS, 2011 240 p.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTIFICO: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SISTO, Celso. SABER CONTAR É INCENDIAR (-SE). In: Alexandre de Castro Gomes; Cintia Barreto. (Org.). **Literatura Infantil e Juvenil: APRENDIZAGEM E CRIAÇÃO**. 1. ed. DIVINO DE SÃO LOURENÇO, ES: SEMENTE EDITORIAL, 2021, v. 1, p. 109-134.

SOARES, P. A. (*et al.*). **METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA** [recurso 1. ed. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018. 1 e-book.

TIERNO, G. (Coord.). *et al.* **Arte de contar histórias: abordagens poéticas, literárias e performáticas**. 1. ed. São Paulo: Ícone, 2010.

VELASCO, Cristiane. **Histórias de boca: o conto tradicional na educação infantil** / Cristiane Velasco. 1. ed. São Paulo: Panda Books, 2018.





Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



## APENDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **Memórias da imaginação: narrar histórias do lugar em uma das escolas de Ipaumirim/CE** coordenado pela professora **Viviane Guidotti Machado** e aluna **Josefa Moreira Gonçalves** e vinculado ao **Centro De Formação De Professores, da Universidade Federal De Campina Grande**.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo **Compreender a função educativa de trabalhar os contos de tradição oral com turmas de Anos iniciais de uma das escolas de Ipaumirim/CE**, e se faz necessário por **se tratar de uma pesquisa que busca coletar dados para alcançar resultados que demonstrem os motivos da ausência ou presença dos contos de tradição oral nos anos iniciais de uma determinada escola da rede pública**.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: **responder um questionário**. Os riscos envolvidos com sua participação são: **exaustão, aborrecimento e ocupação do seu tempo enquanto responde ao questionário**. As atitudes tomadas para diminuir esses riscos são: **realizar perguntas objetivas; garantir a não interferência nas respostas do/a entrevistado (a); permitir que responda livremente e sem pressão**. Os benefícios da pesquisa serão: **promover uma discussão importante sobre a introdução dos contos populares na sala de aula. Entendemos que sua construção corresponde a um material novo sobre o tema e poderá servir de aporte de novas descobertas a seu respeito**.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a **Viviane Guidotti Machado**, cujos dados para contato estão especificados abaixo:

**Dados para contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome:** Profa. Dra. Viviane Guidotti Machado

**Instituição:** Universidade Federal de Campina Grande – Campus Cajazeiras

**Endereço Profissional:** Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, Cajazeiras – PB, 58.900-000

**Telefone:** 3532-2000

**E-mail:** viviane.guidotti@professor.ufcg.edu.br

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

**LOCAL E DATA**

---

Assinatura ou impressão datiloscópica do  
voluntário ou responsável legal

---

Nome e assinatura do responsável pelo  
estudo



Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



## APENDICE B – ROTEIROS DE ENTREVISTA

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA 1 (profissionais da narração de histórias)** **Identificação dos sujeitos pela pesquisadora: NARRADORA 1 e NARRADOR 2.**

- Sexo:
  - Idade:
  - Formação acadêmica inicial/continuada:
  - Instituição de formação:
  - Tempo de magistério na escola:
  - Tempo de atuação como narrador/a de histórias orais
1. O que te motivou a ser contador/a de histórias?
  2. Pra você o que é ser contador/a de histórias?
  3. Que tipo de contador/a de histórias é você? Como você descreve sua performance narrativa?
  4. Como você percebe a contação de histórias na contemporaneidade?
  5. Quais os desafios percebidos na sua profissão de contador/a de histórias?
  6. Para você, o que significa o conto popular na vida das crianças na sala de aula do ensino fundamental?
  7. Como você avalia a importância de narrar histórias populares?
  8. Você acredita que os contos populares estão integrados ou sendo trabalhados em sala de aula? Qual a sua opinião sobre isso?
  9. Como você compreende a função educativa dos contos?
  10. Onde você mora existem moradores autodeclarados contadores de histórias populares ou então sendo reconhecidos assim pela comunidade?



Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



## APENDICE C – ROTEIROS DE ENTREVISTA

### ROTEIRO DE ENTREVISTA 2 (contadores tradicionais da minha comunidade)

**Identificação dos sujeitos pela pesquisadora: CONTADOR A; CONTADOR B; CONTADOR C; CONTADORA D; CONTADORA E; CONTADORA F.**

- Sexo:
  - Idade:
  - Grau de escolaridade:
1. Você se considera contador de histórias?
  2. O que é contar histórias para você? Como você se sente fazendo isso?
  3. Que sentimento/s você possui pelos contos?
  4. Como você observa os mais interessados a ouvir histórias? São as pessoas mais velhas ou mais jovens?
  5. Ouvir histórias foi algo comum na sua infância?
  6. Tem alguém que lhe conta/va histórias e você admira/va muito?
  7. Quais seriam os nomes das histórias ou personagens mais marcantes de nossa história local?
  8. Você pode me contar alguma de suas histórias?



Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



## APENDICE D – ROTEIROS DE ENTREVISTA

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA 3 (professores de turmas dos anos iniciais)** **Identificação dos sujeitos pela pesquisadora: PROFESSORA X, PROFESSORA Y E** **PROFESSORA Z.**

- Sexo:
  - Idade:
  - Formação acadêmica inicial/continuada:
  - Instituição de formação:
  - Tempo de magistério na escola:
1. Há quanto tempo você leciona na escola?
  2. Qual a sua opinião sobre a contação de histórias em sala de aula?
  3. A contação de histórias faz parte de sua prática docente? Se sim, como acontece? Caso contrário, por que não?
  4. Como você compreende os contos populares?
  5. Você acredita que os contos populares estão mais presentes ou ausentes na educação? Por que?
  6. Com que frequência são realizadas atividades ou culminâncias que contemplem histórias populares (contos, mitos, lendas...) na escola que você trabalha?
  7. Você acredita que os mitos e a história local desse lugar devem ser explorados em sala de aula? O que você pesa sobre isso?
  8. Você trabalha com algum tipo de conto popular na sua sala de aula? Se sim, quais seriam esses contos?
  9. Como você aplicaria essa proposta dos contos populares com sua turma em sala de aula?